



## O CONCEITO DE *NEFESH* NO ANTIGO TESTAMENTO<sup>1</sup>

### *The concept of nefesh in the Old Testament*

Willibaldo Ruppenthal Neto<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo visa construir uma proposta de conceptualização da palavra hebraica *nefesh* no Antigo Testamento, indicando se tratar de uma palavra que, além de ter os significados de respiração, garganta, desejo e vida, pode ainda ser pensada enquanto “alma”, desde que se compreenda por tal expressão o próprio ser humano, em sua situação de necessidade, relacionado ao seu corpo, sua vida, e mesmo o risco de morte.

**Palavras-chave:** Antropologia Teológica. Teologia bíblica. Antigo Testamento.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 7 de julho de 2016 e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 15 de julho de 2016, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Este texto compõe o segundo capítulo de meu Trabalho de Conclusão de Curso, *O ser humano necessitado: as implicações do conceito de nefesh nas ideias de homem, vida e morte na antropologia do Antigo Testamento*, defendido em 2015 nas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), sob orientação do prof. Igor Pohl Baumann. Foram feitas, porém, algumas modificações do texto original.

<sup>2</sup> Willibaldo Ruppenthal Neto é mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Integrante da Linha de Pesquisa Cultura e Poder / Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED), vinculados à UFPR, e do Grupo de Pesquisa Interpretação, atualização e transmissão dos ensinamentos bíblicos, vinculado às FABAPAR. Bolsista CNPq – Brasil. E-mail: willibaldoneto@hotmail.com.

**ABSTRACT**

*This article aims to build a propose of conceptualization of the word nefesh in the Old Testament, indicating that it is a word that, besides meaning breath, throat, desire and life, it can also be understood as a "soul", if this mean the human being itself, in its situation of necessity, related to his body, his life, and even the risk of death.*

**Keywords:** *Theological Anthropology. Biblical theolog. Old Testament.*

**INTRODUÇÃO**

Apesar de compreendermos que as variações de significado de um conceito se dão em decorrência de transformações culturais e, portanto, variam mediante um desenvolvimento ao longo do tempo, não abordaremos a questão de uma perspectiva completamente diacrônica, ou seja, a análise dos significados não pretenderá estabelecer uma ordem cronológica estrita, mediante a complexidade da questão. Apesar de haver trabalhos que propõe uma historicidade em sentido cronológico do desenvolvimento do conceito de *nefesh*, tais como a importante obra *Nèphèsh* de Daniel Lys<sup>3</sup>, outros autores como Wolff defendem que “além de pequenas variantes, uma ‘polissemia’ aparece desde as camadas literárias mais antigas até as mais recentes do Antigo Testamento”<sup>4</sup>, de tal forma que uma proposta de ordenar os significados cronologicamente se torna, no mínimo, uma tarefa pretensiosa.

**1 ORIGEM ETIMOLÓGICA DE NEFESH**

O estudo etimológico pode apresentar muitas respostas para o estudioso de história dos conceitos, uma vez que, apesar do conceito se construir num longo processo histórico que deve ser explanado e analisado, nunca abandona completamente sua origem primeira, seu sentido mais antigo, uma vez que os conceitos não se formam por significados que se substituem, mas por significados

---

<sup>3</sup> LYS, Daniel. **Nèphèsh**. Histoire de l'âme dans la révélation d'Israël au sein des religions proche-orientales. Paris: Presses Universitaires de France, 1959. (Études d'histoire et de philosophie religieuses, 50).

<sup>4</sup> WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p.34.

que se somam, formando uma série de camadas sobrepostas e mesmo misturadas. Assim, mesmo que o significado etimológico esteja mais distante, em uma camada mais profunda, a mesma se conecta com as demais, sendo, portanto, de vital importância no estudo.

Apesar da palavra *nefesh* apresentar vários significados possíveis, dependendo do contexto e uso no Antigo Testamento, tais como alma, garganta, vida, pessoa, etc., percebe-se um desenvolvimento nos usos desta palavra, um processo de transformação de significados, sendo que possivelmente seu significado original estaria ligado à respiração especificamente.

A raiz da palavra *nefesh* (נֶפֶשׁ), *nfs̄h* (נִפְשׁ), é utilizada não somente em sentido substantivo (*nefesh*) como também é empregado na língua hebraica em sentido verbal, apesar de este uso ser bastante raro, aparecendo apenas três vezes no Antigo Testamento (Êx 23.12; 31.17; II Sm 16.14)<sup>5</sup> como respirar<sup>6</sup>. Segundo Hans Walter Wolff<sup>7</sup>, isto aponta para a possibilidade de que a raiz *nfs̄h* fosse biliteral originalmente, trazendo o som da respiração de forma onomatopáica, sendo este seu significado mais antigo<sup>8</sup>.

Esta teoria é respaldada pelas demais línguas semíticas, que apresentam correspondência com o termo *nefesh* do hebraico. A partir de pesquisas como a de Seligson<sup>9</sup>, é possível se fazer a seguinte listagem de palavras correspondentes:

Acádio: *napištu*

Ugarítico: *npš*

<sup>5</sup> São utilizadas as seguintes versões bíblicas: Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACRF); Almeida Revista e Atualizada (ARA); Almeida Revisada Imprensa Bíblica (ARIB); American Standard Version (ASV); Bíblia de Jerusalém (BJ); Bíblia Judaica Completa (BJC); King James Version (KJ); Lutherbibel (LB); Septuaginta (LXX); Nova Bíblia Pastoral (NBP); New International Version (NIV); Nova Versão Internacional (NVI); Reina-Valera (RV); Almeida Século 21 (S21); Sociedade Bíblica Britânica (SBB); Sagradas Escrituras (SE); Webster (WB).

<sup>6</sup> Nos três casos, o verbo se encontra no *Nifal* (LYS, 1966, p.185).

<sup>7</sup> WOLFF, 2008, p.38.

<sup>8</sup> J. H. Becker e mais tarde M. Seligson defenderam o significado mais antigo desta raiz como sendo respiração e não garganta como defendia L. Dürr. Segundo Hans Walter Wolff, “esta discussão provavelmente é desnecessária, pois para os semitas o ato de comer, de beber e de respirar realizava-se na garganta; assim, ela era simplesmente a sede das necessidades elementares da vida” (WOLFF, 2008, p. 39).

<sup>9</sup> SELIGSON, Miriam. **The meaning of נֶפֶשׁ in the Old Testament**. Helsinki: Societas Orientalis Fennica, 1951, (Studia Orientalia, Vol. XVI), p. 21.

Hebraico: נפש

Aramaico: ܢܦܫܐ

Babilônio: *napišū*<sup>10</sup>

Siriaco: *nefšā*<sup>11</sup>

Árabe: *nafsun*

Árabe do Sul: *np/fs*

Etiópe: *nafes*

Fenício: *nbš*<sup>12</sup>

De fato, há relações entre estas línguas e a palavra hebraica aqui estudada. Para além do que Seligson aponta, na verdade algumas palavras do acádio são importantes: *nafashtu* significa soprar, resfolegar, respirar, assim como *nafishu* significava vida e ser vivo, mas também garganta<sup>13</sup>. Ougarítico apresenta a raiz *nfs* (= *npš*) seguidamente usada como fauces, garganta, goela, além de apetite, desejo, sentimento e ser vivo<sup>14</sup>. O termo árabe *nafsun* (نفس) também possui amplo significado de respiração, apetite, além de vida, pessoa e sentimento<sup>15</sup>. O siríaco apresenta o termo *nefšā*, muito próximo de *nefesh*, tendo como significados: hálito de vida, vida física, princípio vital e alma, estando em oposição ao corpo e a mente<sup>16</sup>. O assírio possui um termo próximo também, *napasu*, cuja relação com o ar é bastante estreita, o que é evidente em suas traduções enquanto soprar e respirar<sup>17</sup>. Também o aramaico *naphshā*, assim como os termos etiópicos *nephsa*,

<sup>10</sup> Seebass indica que esta palavra possui o sentido de respiração, odor, perfume. Cf. H. ܢܦܫܐ *nepeš*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef. **Theological dictionary of the Old Testament**. Vol. IX. Translated by David E. Green e Douglas W. Stott. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1998, p. 497-519 [500-501].

<sup>11</sup> PAYNE SMITH, J. (ed.). **A compendium Syriac dictionary**: founded upon the Thesaurus Syriacus of R. Payne Smith. Oxford: Clarendon Press, 1903, p. 346-347.

<sup>12</sup> Manfred Weippert indica esta variação dialéctica na língua fenícia. Cf. SEEBASS, 1998, p. 498.

<sup>13</sup> WOLFF, 2008, p. 38-39.

<sup>14</sup> WOLFF, 2008, p. 39.

<sup>15</sup> WOLFF, 2008, p. 39.

<sup>16</sup> PAYNE SMITH, 1903, p. 346-347.

<sup>17</sup> EYZAGUIRRE, Amelia Caron. **Nepshesh**: an ethnography on Israelite Purity Laws. 2008. 55 f. Senior Thesis Project – University of Tennessee, Knoxville, 2008, p. 5.

respiração, ou ainda *nephes* (= *nafes*), alma<sup>18</sup>, apresentam relação com esta mesma raiz, que derivou a todos dialetos semíticos seus respectivos termos para alma a partir de uma raiz com significado de respiração, preservando em muitos casos seu primitivo significado.

Percebemos pela comparação, que há uma origem comum nas línguas semíticas de uma raiz *nps* cujos significados relacionam-se necessariamente ao ar e à vida. É bastante complicado, porém, tentar traçar o desenvolvimento de sentido de uma conexão com o ato de respirar ao conceito próprio de vida transmitido pela palavra *nefesh*<sup>19</sup>. Cabe, todavia, um estudo dos usos e variações desta palavra a fim de se verificar algumas características gerais da mesma.

## 2 USOS E VARIAÇÕES DA PALAVRA *NEFESH*

Pode-se perceber pelo estudo da palavra *nefesh* que seu plural, *nēfāshôt* (נִפְשֹׁתַי), apresenta uma mudança no sentido, significando indivíduos. O uso da palavra *nefesh* enquanto indivíduo é acompanhado de seu sentido coletivo – de indivíduos dentro de um grupo, ou conjunto de indivíduos.

A expressão atual de almas para designar quantidade de pessoas – como na frase “aquele país possui mais de trinta milhões de almas” – provém deste uso de *nēfāshôt*, uma vez que o Antigo Testamento apresenta várias situações em que se fala das almas que compõem determinado grupo, tal como os descendentes de Lia que são 33 *nēfāshôt* (Gênesis 46.15), 16 *nēfāshôt* de Zilpa (Gn 46.18), e assim por diante<sup>20</sup>. Estes textos foram tradicionalmente traduzidos como almas, a exemplo da tradução alemã de Lutero (*Seelen*, LB), estabelecendo o uso deste termo para descrever uma quantidade de pessoas. Mas apesar desta variação, a

<sup>18</sup> BARTON, George A. Soul (Semitic and Egyptian). In: HASTINGS, James. (Org.). **Encyclopedia of Religion and Ethics**. Vol. XI (Sacrifice-Sudra). With the assistance of John A. Selbie and Louis H. Gray. New York: Charles Scribner’s Sons; Edinburg: T. & T. Clark, 1914. p. 749-753 [749].

<sup>19</sup> EYZAGUIRRE, 2008, p. 6.

<sup>20</sup> Em Gênesis 36.6 a palavra *nēfāshôt* aparece se referindo aos escravos de Esaú. Aqui, o uso da palavra hebraica no sentido de pessoas é atestado pela tradução da LXX, que utiliza o termo grego *sōmata*. Grobel, porém, defende que ambos os termos podem possuir o sentido específico de escravos. GUNDRY, Robert Horton. **Soma in biblical theology, with emphasis on Pauline anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. (Monograph Series – Society for New Testament Studies; 29), p. 16.

usual compreensão de alma envolve percepções que divergem bastante do sentido originário de *nefesh* em muitos contextos. Para se averiguar a validade da tradução enquanto alma, faz-se necessário um estudo do desenvolvimento da palavra *nefesh* ao longo da Bíblia Hebraica.

Como bem afirmou George A. Barton, o termo *nefesh* “passou por um desenvolvimento considerável que deu a este [termo] diferentes formas de significado em diferentes momentos”<sup>21</sup>. Das 756 vezes que *nefesh* aparece no Antigo Testamento<sup>22</sup> em suas várias formas, 600 vezes é traduzida na Septuaginta (LXX) por *psykhé* (ψυχή), alma, quando na verdade “hoje podemos concluir que em muito poucas passagens a tradução dessa palavra por ‘alma’ corresponde ao significado de נֶפֶשׁ”<sup>23</sup>. Há uma variedade de significados de *nefesh* que devem não somente ser considerados para a tradução como também na compreensão deste termo em sua essência, uma vez que não se trata de uma palavra com significados simplesmente sobrepostos, mas de fato um conceito que apresenta um desenvolvimento.

## 2.1 Respiração

A respiração parece ser o sentido mais antigo da palavra hebraica *nefesh*. Há, porém, teorias contrárias a esta perspectiva<sup>24</sup>. A relação da palavra *nefesh*

<sup>21</sup> BARTON, 1914, p. 750.

<sup>22</sup> BRIGGS, Charles A. The use of נֶפֶשׁ in the Old Testament. In: **Journal of Biblical Literature**, Vol. 16, No ½, 1897, p. 17-30 [17]. Nordell indica 729 vezes. NORDELL, P. A. Old Testament Word-Studies: 2. Constituent Parts of Man. In: **Old Testament Student**, Vol. 8, No. 2, Oct., 1888, p. 49-54 [51]. Wolff aponta para 755 vezes (WOLFF, 2008, p. 33). Alexandre de Jesus dos Prazeres, valendo-se do mecanismo digital *Bible Works* chegou ao número 686. PRAZERES, Alexandre de Jesus dos. **Néfesh e basar: a relação corpo-alma na Bíblia Hebraica e suas implicações para cultura somática hodierna**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013, p. 43.

<sup>23</sup> WOLFF, 2008, p. 34. Daniel Lys indica que há 754 usos de *nefesh* no Antigo Testamento, dentre os quais, cerca de 680 casos são traduzidos por *psykhé*. LYS, Daniel. The Israelite Soul According to the LXX. In: **Vetus Testamentum**, Vol. 16, Fasc. 2, Apr. 1966, p. 181-228 [186].

<sup>24</sup> Seligson foi uma das principais críticas desta teoria, lembrando que o termo correspondente no ugarítico não aparece neste sentido na pesquisa de C. H. Gordon, assim como a pesquisa de Conti Rossini também não apontou a respiração como um significado de *np/fs* (árabe do sul). (SELIGSON, 1951, p. 22). Acontece, porém, que os textos ugaríticos parecem indicar uma relação entre *npš* e respiração, mesmo que

com a respiração é evidenciada não apenas pela associação direta, como pelos significados posteriores que carregam relação com esta ideia, tal como garganta, desejo, vida e alma – que serão trabalhados pormenorizadamente –, assim como outros a exemplo de perfume<sup>25</sup>, que está diretamente associado às ideias de cheiro, ar e respiração. Outra passagem que pode indicar um sentido de respiração é Jó 41.18, que se refere ao Leviatã: “Cada um dos seus espirros faz resplandecer luz” (ARA)<sup>26</sup>. Em alguns textos a respiração aparece sob a forma traduzida na ARA como “tomar alento”, aplicada tanto para homens (Êx 23.12) como para Deus (Êx 31.17)<sup>27</sup>.

## 2.2 Garganta

Fica evidente em vários textos do Antigo Testamento que *nefesh* pode

---

não haja tal tradução da parte de Gordon: “que sua alma saia como vento” (GORDON, Cyrus H. **Ugaritic Textbook**: grammar, texts in transliteration, cuneiform selections, glossary, indices. Revised reprint. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1998. (Analecta Orientalia, 38), p. 72); “sua alma saiu como vento” (GORDON, 1998, p. 72); “eu sentarei e descansarei e minha alma repousará em meu peito” (GORDON, 1998, p. 73).

<sup>25</sup> O GHCL (GENESIUS, H. Friedrich Wilhelm. **Genesius’ Hebraic and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures**. Translated by Samuel Prideaux Tregelles. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1978) aponta para dois textos possuindo relação com cheiro: Pv 27.9 e Is 3.20 (GHCL, p. 559). Normalmente a palavra *nefesh* em Isaías 3.20 é traduzida como perfume (ACRF, ARIB, ASV, NIV, SBB) ou ainda odor (*olor*, RV, SE), mas há casos em que a palavra é ocultada (KJ, NVI), quando na verdade é evidente o sentido de perfume através da relação com o verso 24 que aponta a consequência do que ocorre no verso 20: “Em vez de perfume, haverá mau cheiro...” (Is 3.24, NVI). A KJ traduz *baēty hanefesh*, como *tablets* (tradução: tabuinhas – mais provável – ou comprimidos), mas traz uma explicação de que em hebraico trata-se de “casas da alma” (*houses of the soul*). Briggs traduz o verso como “caixas de perfume” (*perfume boxes*), mas indica que este texto não dá suporte suficiente para a ideia de “respiração”, uma vez que outros significados de *nefesh* como desejo podem explicar a expressão *baēty hanefesh* como caixas ou frascos que geram um apetite de cheiro semelhante a fome, sede, e outros apetites. cf. BRIGGS, 1897, p. 30. Briggs argumenta que, apesar de Genesius e seus editores indicarem Provérbios 27.9 como se referindo a cheiro, haveria neste texto um paralelismo entre *nefesh* e *leb*, dando outro significado. Cf. BRIGGS, 1897, p. 29-30.

<sup>26</sup> Briggs nega que esta passagem indique um significado primitivo referente à respiração, afirmando se tratar aqui de um significado mais avançado, que se refira à paixão ou fúria do animal. BRIGGS, 1897, p. 30.

<sup>27</sup> Cf. também II Sm 16.4. Seebass aproxima esta ideia aos textos de Gênesis 1.30, Jó 41.13 e Jeremias 2.24. Cf. SEEBASS, 1998, p. 505.

designar “o órgão da ingestão de alimentos e da saciação”<sup>28</sup>. Assim, esta palavra pode ter um sentido de goela, boca e garganta de forma até mesmo intercambiável e difícil de se definir, senão enquanto parte<sup>29</sup> do conjunto de ingestão de alimentos ou enquanto órgão da saciação<sup>30</sup>, seja de fome, sede ou ar.

Em Isaías 5.14 há um uso peculiar de *nefesh*: “Por isso, a cova aumentou o seu apetite [*nefesh*], abriu a sua boca desmesuradamente...”. Trata-se de um texto que estabelece um paralelo claro entre *nefesh* e boca<sup>31</sup>, onde a primeira pode lhe ser um sinônimo, ter sentido de goela, garganta, fazendo parte de seu conjunto de saciação, ou simplesmente significar a própria vontade de saciação (apetite), tal como traz a tradução de Almeida (ARA, ARIB). A palavra que a tradução de Almeida (ARA, ARIB<sup>32</sup>) traduz por aumentou. Pode também significar abriu ou abre (NBP), aproximando o sentido de *nefesh* enquanto uma parte do corpo que pode ser aberta, tal qual a goela, a boca e a garganta (NBP). De toda forma, fica claro aqui a impossibilidade do uso de alma para traduzir o termo, que claramente se aproxima e se relaciona com a necessidade de satisfação do apetite, a saciação.

Algo semelhante ao que ocorre em Isaías 5.14 pode ser encontrado em Habacuque 2.5, quanto ao que diz sobre o arrogante/salteador: “...cuja gananciosa boca [*nefesh*] se escancara como o sepulcro e é como a morte, que não se farta...”. A ideia de saciação é novamente evidente, com um novo paralelo, desta vez com “a morte, que não se farta”. Aqui a tradução de Almeida (ARA) traz o termo boca<sup>33</sup> no

<sup>28</sup> WOLFF, 2008, p. 35.

<sup>29</sup> Segundo Murtonen, a ideia da palavra *nefesh* ser uma parte do homem se deve primeiramente a Paul Dhorme e somente depois a Dürr, v. Soden, Rüsche e A. R. Johnson. Segundo Rüsche, o desenvolvimento da palavra teria se dado na seguinte ordem de significados: garganta » respiração » vida, alma » vida no sangue » sangue. Segundo Johnson, seria da seguinte forma: garganta » respiração » vida » pessoa » ser vivo » cadáver. Cf. MURTONEN, A. **The living soul: a study of the meaning of the word *nefesh* in the Old Testament Hebrew Language.** Helsink: Societas Orientalis Fennica, 1958, p. 65.

<sup>30</sup> Trata-se de saciação e não de saciedade, uma vez que não se refere ao estar satisfeito (saciedade), mas ao desejo e fim deste (saciação). Trata-se do desejo não satisfeito que leva o homem a realizar uma ação.

<sup>31</sup> A BJC traz o termo mandíbulas.

<sup>32</sup> A tradução ACRF não acompanha as demais com apetite, ou com aumentou, mas traz no texto a ideia de tamanho valendo-se da expressão “grandemente se alargou”, semelhante à tradução BJC, “alargou-se e abriu sem limites”.

<sup>33</sup> Outras traduções são: 1) desejo (ARIB, ASV, KJ, SBB, S21, WB); 2) alma (ACRF, SE, RV); 3) fauces (BJ); a NVI não traduz a palavra isoladamente, mas o sentido completo

lugar de *nefesh*, sendo uma parte do sistema de ingestão de alimentos, ou seja, de saciação. Novamente a abertura da *nefesh* está presente, uma vez que se escancara, evidenciando que se trata de fato de uma parte do homem, que pode ser aberta. A NBP, porém, acompanha o sentido de *nefesh* e se vale do termo garganta, e a BJC evidencia a relação com o desejo, este insaciável como percebe-se na continuação do texto: “à semelhança da morte, jamais se satisfará” (Hb 2.5, BJC).

Há ainda muitos textos que “mencionam a fome e sede dela, seu desfalecer e ser saciada, seu estar ressequida e ser enchida, mostrando, claramente, com isso que não se está falando da ‘alma’, mas da ‘garganta’”<sup>34</sup>. Desta forma, é evidente o sentido no Salmo 107, que no verso 5 se refere aos “famintos e sedentos” cuja alma desfalecia, e no verso 9 lembra que devem agradecer a Yahweh “pois dessedentou a alma sequiosa e fartou de bens a alma faminta”. Fome e sede são necessidades, anseios, desejos, expressos pela garganta. Mesmo que a tradução de Almeida traga o termo alma no lugar de *nefesh*, é evidente que seu sentido mais correto seria o de garganta, assim como na NBP: “Porque ele saciou a garganta ressequida e encheu de bens a garganta faminta” (Salmo 107.9). Eclesiastes 6.7 também é importante neste sentido: “Todo o trabalho é para a sua boca; e, contudo, nunca se satisfaz o seu apetite” (ARA)<sup>35</sup>. Aqui a palavra satisfaz também possui o sentido de “se enche”, conectando *nefesh* a uma imagem de algo que se pode encher e se relaciona com a boca, lembrando, portanto, a garganta ou ainda o estômago (NBP).

Assim como *nefesh* pode expressar a garganta enquanto o veículo daquilo que entra no ser humano, também expressa o canal daquilo que sai do homem. Desta forma, não apenas a água, o ar e a comida são objetos relacionados a este termo, como também os sons e a linguagem<sup>36</sup>. Assim, encontramos no Livro de Salmos a expressão “bendize, minha alma, a Jeová”<sup>37</sup>, que na realidade pode ter uma tradução mais próxima do original: “bendize, *minha garganta*, a Jeová”<sup>38</sup>.

---

da frase: “ele é voraz como a sepultura e a morte” (Cf. NIV). Assim, o adjetivo voraz serve para expressar a ideia.

<sup>34</sup> WOLFF, 2008, p. 35.

<sup>35</sup> A BJC também se vale da palavra apetite.

<sup>36</sup> STAUBLI, Thomas; SCHROER, Silvia. **Body symbolism in the Bible**. Collegeville: The Liturgical Press, 2001, p. 57.

<sup>37</sup> Sl 103.1, 2, 22; 104.1, 35. (SBB). Todas as traduções trazem aqui a palavra alma (*alma*, *soul*, *Seele*).

<sup>38</sup> Wolff destaca que ainda outra tradução é possível: “louva, *minha vida*, a Javé!” (grifo

Assim, no que diz respeito à garganta, *nefesh* “não significa meramente a parte visível do corpo, mas também a garganta audível, chamando, resmungando e gritando, e a voraz garganta, nunca satisfeita, faminta e sedenta, devorando e respirando”<sup>39</sup>.

### 2.3 Desejo

Há muitos casos no Antigo Testamento em que a *nefesh* é relacionada com os desejos do ser humano<sup>40</sup>, relacionando-se a raiz *'wh* (איה), que significa “desejar, cobiçar, ansiar por”<sup>41</sup>. Certamente este significado de *nefesh* se associa em muitos casos com a garganta, como explicita Wolff<sup>42</sup>, especialmente quando são objetos do desejo o figo (Mq7.1), a carne (Dt 12.15,20; I Sm 2.16) e o vinho (Dt 14.26). Também em Provérbios 23.2, se percebe a relação de *nefesh* e pescoço: “mete uma faca à tua garganta, se és homem glutão”. Aqui o termo traduzido como “homem glutão” é *ba'al nefesh* (בַּעַל נֶפֶשׁ), que possui sentido original de “senhor da cobiça” ou “dono do desejo”. Percebe-se que o desejo aqui corresponde à gula pela frase paralela que fala de colocar uma faca à garganta, para impedir que se

---

nosso), desde que a tradução entenda que “o conjunto interior está mais acentuado e atentar ao motivo para o louvor, isto é, os benefícios de Javé que dizem respeito ao ser humano todo” (WOLFF, 2008, p. 56). Isto se dá especialmente pelo paralelismo com a continuação do versículo, que se refere a “tudo em mim” (BJC) para bendizer a Deus. Note-se que a NBP que muitas vezes traduz *nefesh* enquanto garganta, aqui traduz enquanto alma e parece justificar a escolha pela continuação do versículo: “e todo o meu interior bendiga seu nome santo” (NBP).

<sup>39</sup> STAUBLI; SCHROER, 2001, p. 57.

<sup>40</sup> Burton (BURTON, Ernest D. Spirit, Soul and Flesh: II. שֵׁכָנָה and הוֹרֵר, and רֶשֶׁב in the Old Testament. In: **American Journal of Theology**, Vol. 18, No 1, Jan. 1914, p. 59-80 [69]) aponta para uma ideia de alma enquanto “origem do apetite, emoção, e do desejo, sem implicar em uma entidade separada, ou a possibilidade de uma existência separada”. Neste sentido ele separa entre a sede dos apetites físicos, saúde e vigor, e a sede de todos os tipos de emoções. Este primeiro sentido é próximo da ideia de desejo que trabalhamos aqui, sendo apontados os seguintes textos: Nm 11.6; 21.5; Dt 12.15, 20, 21; 23.25; Jó 33.20; Sl 78.18; 106.15; 107.5, 9, 18; Pv 6.30; 10.3; 13.25; 16.24, 26; 23.2; 25.25; 27.27; Ec 2.24; 4.8; 6.2, 7; Is 29.8; 32.6; 56.11; 58.11; Jr 31.14; 50.19; Lm 1.11, 19; Ez 7.19; Os 9.4; Mq 7.1. (BURTON, 1914, p. 69). GHCL aponta dois textos em que *nefesh* possui o sentido de desejo sexual: Jr 2.24; Ez 23.18 (GHCL, p. 559). Também GHCL indica Sl 42.3 e 63.2 como tendo sentido de desejo (GHCL, p. 559). Para outros exemplos possíveis, cf. BRIGGS, 1897, p. 25-26.

<sup>41</sup> WOLFF, 2008, p. 42.

<sup>42</sup> WOLFF, 2008, p. 42.

coma mais que o devido. A conexão entre a garganta, pescoço, e a *nefesh* como desejo é evidente pelo próprio texto. Porém, quando os objetos de desejo são o mal (Pv 21.10), a realeza (II Sm 3.21; I Rs 11.37) ou Deus (Is 26.9), certamente trata-se apenas do impulso humano da sua vontade, independente da garganta.

Assim como a *nefesh* do perverso “deseja o mal” (Pv. 21.10), também a *nefesh* de um israelita pode desejar o próprio Deus, como mostra Isaías: “Com minha alma suspiro de noite por ti...” (Isaías 26.9, ARA)<sup>43</sup>. A natureza do desejo, portanto, independe: pode ser material como espiritual, boa ou má<sup>44</sup>. Também se pode desejar, portanto, a terra (Jr 22.27), coisas vãs (Sl 24.4), filhos e filhas (Ez 24.2), etc. Independente da natureza ou objeto de desejo, *nefesh* neste sentido (desejo) é “o desejo ainda não satisfeito que impele à ação”<sup>45</sup>. A *nefesh* impele à ação assim como a boca impele quem tem fome – “a fome [*nefesh*] do trabalhador o faz trabalhar, porque a sua boca a isso o incita” (Pv 16.26). Este desejo é o “desejo não satisfeito” pois com a saciedade não há o desejo verdadeiro: “Quando entrares na vinha do teu próximo, comerás uvas segundo o teu desejo [*nefesh*], até te fartares, porém não levarás no cesto” (Dt 23.24). O texto deixa claro que se trata de uma lei para saciar a fome, o desejo legítimo, e não a simples vontade de comer uvas. *Nefesh*, portanto, é a expressão não de uma simples vontade, mas do desejo que leva necessariamente à ação para ser satisfeito, um desejo que implica necessariamente em uma necessidade: “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus” (Sl 42.1)<sup>46</sup>. Não é de se estranhar, portanto, a relação de proximidade entre *nefesh* e outra palavra hebraica, *lebab* (לֵבָב), usualmente traduzida por coração<sup>47</sup>. Não apenas há um uso recorrente destas duas

---

<sup>43</sup> Este texto é usualmente traduzido por alma, mesmo em traduções mais divergentes na tradução de *nefesh*, tais como a BJC e a NBP. A explicação está na relação com o interior, conforme a continuação: “no meu íntimo o meu espírito suspira por ti” (NBP).

<sup>44</sup> Seebass, valendo-se de Westermann, aponta que o desejo não é necessariamente mau, mesmo o desejo sexual, que faz parte da alegria de viver. O desejo mais apaixonado conhecido, porém, é o que há entre homem e mulher, de modo que em Cantares 1.7; 3.1-4 é difícil de distinguir entre o indivíduo e sua *nefesh* desejosa. Cf. SEEBASS, 1998, p. 506.

<sup>45</sup> WOLFF, 2008, p. 43.

<sup>46</sup> NVI. Outras traduções apresentam verbos como suspirar (ARA, SBB) e bramar (ACRF, BJ, RV, SE), que se relacionam com a garganta. As traduções em inglês tendem a dar um sentido mais de mobilidade e busca com a palavra *panteth* (ASV, KJ, WB, *pant* na NIV), mais distante do sentido hebraico original.

<sup>47</sup> A respeito de *lebab*, ou *leb* (לֵב), cf. WOLFF, 2008, p. 79-107.

palavras em paralelismo<sup>48</sup>, como ainda a frase “de todo coração e de toda alma”, é uma expressão bastante utilizada no Antigo Testamento<sup>49</sup>.

## 2.4 Vida

Apesar do significado de *nefesh* como alma ser o mais conhecido, e o mais usado nas traduções, como veremos adiante, seu significado como vida é muito provavelmente mais antigo. O termo acádico *nafīštu*, por exemplo, se dava como equivalente de vida e não se apresentava como alma<sup>50</sup>. Isto demonstra a probabilidade de o uso da raiz *nšh* como vida ser anterior a seu uso como alma.

O significado de vida de *nefesh*, diferente do acádico *nafīštu* não se dava em oposição à palavra corpo, *basar* (בָּשָׂר) no hebraico e *šalamtu* no acádico. A palavra *šalamtu* de significado corpo apresentava a ideia de cadáver, do corpo inerte após perder o fôlego de vida, após perder a própria vida, a *nafīštu*. Apesar da ideia da existência da vida, *nafīštu*, após a morte, não se trata de uma ideia de alma, senão de uma oposição à realidade do corpo. A vida é oposta à efemeridade que o corpo (*šalamtu*) representa. A ideia babilônica de *nafīštu* não se relaciona com a ideia de se possuir uma alma, mas com a capacidade de se portar como ser vivente e ocupar uma habitação<sup>51</sup>.

No hebraico, porém, *nefesh* não se opõe a algum termo que represente corpo, e até mesmo pode significar cadáver, pessoa morta. É neste sentido que se pode falar em *nefesh mēt* (נֶפֶשׁ מֵת), não significando alma morta, mas algo como

<sup>48</sup> Dt 11.18; I Sm 2.35; I Cr 22.19; 28.9; Sl 13.3; Pv 2.10; 24.12; Jr 32.41. Cf. BRIGGS, 1897, p. 29.

<sup>49</sup> Dt 4.29; 6.5; 10.12; 11.13; 13.4; 26.16; 30.2, 6, 10; Js 22.5; 23.14; I Rs 2.4; 8.48; II Rs 23.3, 25; II Cr 6.38; 15.12; 34.31. Cf. BRIGGS, 1897, p. 29.

<sup>50</sup> BARTON, 1914, p. 749. Barton lembra que há dois termos correspondentes na língua suméria, ZI e ŠI, cujos ideogramas representam respectivamente uma planta crescendo e um olho. Assim como o primeiro, também o olho representa a vida, pelo brilho e luz que emana. Apesar de Barton não desenvolver tal ideia, é possível que o olho represente a vida humana pelo sentido da visão, assim como o sentido da audição expressa a humanidade do homem para os hebreus.

<sup>51</sup> BARTON, 1914, p. 749. Note-se que na mentalidade babilônica, a ideia de vida após a morte e alma aparecem posteriormente relacionadas ainda com esta mesma ideia de vida, sendo que aqueles que deixaram esta vida afundam-se numa vida miserável com existência em uma caverna subterrânea (BARTON, 1914, p. 749). A ideia de *habitação* estava plenamente relacionada com a ideia de vida.

vida morta, uma vida que existiu e já não é mais viva, que está morta (Nm 6.6)<sup>52</sup>. Há ainda casos em que mesmo sem o acréscimo *mēt*, a palavra *nefesh* pode possuir um sentido de cadáver<sup>53</sup>. Em contraste com *nefesh mēt* está *nefesh hayyāh*, “alma vivente”, como em Gênesis 2.7: “Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. Note-se que o homem enquanto corpo somente, formado do pó da terra, não passa de cadáver, passando a ser alma vivente quando Deus lhe sopra o fôlego de vida nas narinas.

Apesar do significado de *nefesh* no sentido de vida, a raiz *nfsh* não é utilizada como verbo neste mesmo sentido, mas apenas como substantivo, a vida, uma vez que “em nenhuma das línguas semíticas a raiz para ‘vida’, ‘alma’, é empregada como o verbo ‘viver’”<sup>54</sup>. A palavra *nefesh*, portanto, assim como suas similares, não possui o significado do ato de se viver, da ação, mas do estado de se estar vivo, da situação vivencial, do não estar morto, da vida que se possui e que movimenta o corpo. O uso de *nefesh* como vida no Antigo Testamento é consideravelmente recorrente, tal como se percebe na pesquisa de Ernest D. Burton<sup>55</sup>.

<sup>52</sup> Seguimos aqui a interpretação de H. W. Wolff, apesar de conhecermos interpretações bastante divergentes, que merecem serem explicitadas: F. Schwally defende que *nefesh met* se refere à alma do morto que continua existindo depois da morte; R. H. Charles acredita que se trata da morte da própria alma, que vem a deixar de existir; M. Seligson (1951) aponta para o sentido do poder misterioso que há no corpo e que leva o cadáver à decomposição. Além de Wolff, outros estudiosos de renome tais como A. Johnson e G. Pidoux afirmam que o sentido correto é cadáver, lembrando ainda que se relaciona com o momento da morte e a pedra da sepultura, tal como em aramaico e siríaco. MARTIN-ACHARD, Robert. **Da morte à ressurreição**: segundo o Antigo Testamento. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 50.

<sup>53</sup> Nm 5.2; 6.11; 19.11, 13; Ag 2.13.

<sup>54</sup> BARTON, 1914, p. 749.

<sup>55</sup> Burton aponta para os seguintes textos como tendo este sentido: Gn 9.4,5; 19.17, 19; 32.31; 44.30; Êx 4.19; 21.23, 30; 30.12,15,16; Lv 24.18; Nm 17.3; 25.31; 31.50; Dt 13.7; 19.21; 24.6; Js 2.13,14; 9.24; Jz 5.18; 9.17; 12.3; 18.25; I Sm 18.1,3; 19.5, 11; 21.1, 17; 22.23; 23.15; 24.12; 25.19; 26.21, 24; 28.9, 21; II Sm 1.9; 4.8, 9; 14.7, 14; 16.11; 18.13; 19.6; 23.17; I Rs 1.12, 29; 2.23; 3.11; 19.2,3,4,10,14; 20.31,32,39,42; II Rs 1.13,14; 7.7; 10.24; I Cr 2.19; II Cr 1.11; Et 7.3,7; 8.11; 9.16; Jô 2.4,6; 12.10; 13.14; 27.3,8; 31.30; Sl 6.5; 7.6; 22.21; 25.20; 26.9; 31.14; 33.19; 34.23; 35.4,17; 38.13; 40.15; 49.9; 54.5,6; 55.19; 56.7, 14; 59.4; 63.10; 66.9; 69.2,19; 70.3; 71.10,13,23; 72.13,14; 74.19; 78.50; 86.2,14; 94.21; 97.10; 116.4,8; 119.109; 120.2; 121.7; 124.4,5; 143.3; Pv 1.18,19; 3.22; 6.26; 7.23; 12.10; 13.3,8; 16.17; 19.8, 16; 20.2; 22.23; 29.10,24; Is 43.3; 44.20; 53.10,12; Jr 2.34; 4.10,30; 11.21; 19.7; 20.13; 21.7,9; 22.25; 26.19; 34.20,21;

A relação de *nefesh* com o sangue também ajuda na compreensão do seu sentido de vida. Quando é proibido que se consumisse o sangue, em Deuteronômio 12.23, a explicação é que “o sangue é a vida [*nefesh*]”<sup>56</sup>. É claro aqui a impossibilidade de tratar-se de um sentido de respiração, garganta ou desejo, pois se trata, obviamente, de vida em seu sentido profundo. Não se deve consumir um ser vivo com sua vida, ou seja, com seu sangue, já que “a vida [*nefesh*] da carne está no sangue” (Levítico 17.11). Esta lei era tão importante no judaísmo que suas origens chegavam à aliança de Deus com Noé, quando Ihe diz que “carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis” (Gênesis 9.4). Outro paralelo ainda entre sangue e vida é Provérbios 1.18: “Estes se emboscam contra o seu próprio sangue e a sua própria vida espreitam”. Fica claro aqui o paralelismo entre sangue e vida, demonstrando tratar-se da mesma coisa.

Como bem explica Wolff<sup>57</sup>, a relação entre *nefesh* e sangue – e não garganta – permite que se compreendam textos que falam do esvaziamento da *nefesh* como Salmo 141.8, “...não desampares [esvazie] a minha alma...”, e Isaías 53.12: “...derramou a sua alma na morte...”. A ideia da *nefesh* como um líquido, em sua relação com o sangue permite a imagem da *nefesh* dos filhos sendo derramada sobre o seio de suas mães (Lamentações 2.12)<sup>58</sup>.

A ligação de *nefesh* com a vida dá-se tanto com a vida humana como

38.2,16; 39.18; 40.14,15; 44.30; 45.5; 46.26; 48.6; 49.37; 51.6,45; Lm 2.19; 5.9; Ez 3.19,21; 13.18,20; 14.14,20; 16.5; 17.17; 22.25,27; 32.10; 33.5,9; Am 2.14,15; Jn 1.14; 2.6,8; 4.3. (BURTON, 1914, p. 71-72).

<sup>56</sup> Discordamos com Alain Marchadour que afirma que “Poderíamos parafrasear [este texto] deste modo: se é verdade que a *nefesh* é o que distingue um vivo de um morto, o sangue é certamente a vida, já que a perda do sangue acarreta o desaparecimento da alma” (MARCHADOUR, Alain. **Morte e vida na Bíblia**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985, p. 16). Marchadour parece pressupor que *nefesh* tenha necessariamente o sentido de alma, em uma perspectiva judaica, quando na verdade a significação deste termo é muito mais mutável.

<sup>57</sup> WOLFF, 2008, p. 47.

<sup>58</sup> A tradução de Almeida (ARA) “quando exalam a alma nos braços de sua mãe” (Lamentações 2.12) vale-se de uma ideia preestabelecida de *nefesh* como conectada à respiração, levando o tradutor a usar o termo “exalam” (Cf. ACRF, ARIB, BJ, SBB) ao invés de “derramam”, mais próximo do original e que se conecta com a ideia da *nefesh* como sangue. Algumas traduções para o português são mais genéricas, tais como “se desvanecem nos braços de suas mães” (NVI), “deixam escapar a vida no colo de suas mães” (S21). As principais traduções em espanhol (SE, RV) trazem o verbo “derramar” na tradução, assim como traduções para o inglês trouxeram o mesmo sentido (líquido) com variadas expressões: “poured out” (ASV, KJ, WB), “ebb away” (NIV).

animal, de tal forma que se fala especificamente de *nefesh* humana em contraste com a animal em Levítico 24.17-18: “Quem matar alguém [*nefesh* humana] será morto. Mas quem matar um animal [*nefesh* animal] o restituirá: igual por igual”. A vida animal, portanto, pode ser restituída: matando um boi, deve dar outro boi em seu lugar, pois lhe será equivalente. A vida humana, porém, não pode ser restituída, mas somente vingada, pela lógica da equivalência, a famosa lei de talião, presente no código da aliança, que define que “se houver dano grave, então, se darás vida [*nefesh*] por vida [*nefesh*], olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe” (Êxodo 21.23-26).

Também *nefesh* é utilizado na relação com a vida enquanto expressão de seres vivos<sup>59</sup>, como se pode perceber em casos em que os animais aquáticos são apresentados como *nefesh* (Gn 1.20; Lv 11.10,46; Ez 47.9), assim como os animais terrestres (Gn 1.24), animais em geral (Gn 9.10,12,15) ou mesmo animais e humanos juntos (Gn 9.16).<sup>60</sup>

## 2.5 Alma?

Alguns estudiosos traduzem o termo hebraico *nefesh* também enquanto alma (*soul* em inglês)<sup>61</sup>. Esta é a tradução mais recorrente, mas que não necessariamente é correta. Não pressupomos aqui com Julián Marías que a alma é “o destino de quase todas as palavras importantes”<sup>62</sup>, uma vez que entendemos

<sup>59</sup> Uma expressão bastante usual no sentido de seres vivos é *nefesh hayāh* (נֶפֶשׁ חַיָּה), presente nos seguintes textos: Gn 1.20, 21, 24, 30; 2.7, 19; 9.10, 12, 15, 16; Lv 11.10, 46a; Ez 47.9. Ainda outros textos são apontados por Burton como tendo o sentido de seres vivos: Lv 10.46b; Nm 31.28.

<sup>60</sup> FOHRER, Georg. (ed.) et al. **Hebrew and Aramaic dictionary to the Old Testament**. New York: Walther de Gruyter, 1973, p. 180.

<sup>61</sup> Burton aponta para os seguintes textos como tendo o sentido de “alma, aquela entidade que, residindo em um ser vivo, faz-lhe vivo, e cuja saída é a morte – às vezes distinguida de נֶפֶשׁ, carne”: Gn 35.18; I Rs 17.21, 22; Jó 11.20; 31.39; 33.18, 22, 28, 30; Sl 16.10; 30.4; 31.10; 49.16; 86.13; 89.49; 131.2; Pv 11.17; 23.14; Is 10.18; 38.17; Jr 15.9; Lm 3.20 (BURTON, 1912, p. 69). BDB (BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. (eds.). **A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**: with an appendix containing the biblical aramaic. Based on the Lexicon of William Gesenius as translated by Edward Robinson. Boston/New York: Houghton Mifflin Company, 1907) inclui outros textos nesta classe: Jó 14.22; 30.16; Sl 42.5, 7 (BDB, p. 659).

<sup>62</sup> MARÍAS, Julián. **A perspectiva cristã**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 68.

que, apesar desta ideia existir em diversas culturas, a alma não é necessariamente a culminância de todos os desenvolvimentos culturais. Desta forma, buscamos evitar neste trabalho qualquer ideia teleológica. Entendemos que se deve evitar qualquer análise que coloque elementos criados *a posteriori* enquanto intrínsecos dentro do processo histórico, como se a história *necessariamente* tivesse que se encaminhar em determinados sentidos.

Como o estudioso da Grécia Antiga Walter Friedrich Otto afirmou, vários estudiosos “têm projetado no homem arcaico sua própria imagem”<sup>63</sup>. Esta perspectiva equivocada tende a visualizar a mentalidade das culturas do passado como possuindo ausências ou mesmo deficiências em relação à cultura moderna, como se a *alma*, por exemplo, tivesse sido *descoberta*<sup>64</sup>, e não *formulada*.

Para se traduzir *nefesh* por alma, se faz necessária uma posição de precaução. Miriam Seligson lembra que a alma enquanto tradução da palavra *nefesh* não deve ser tomada em seu sentido moderno<sup>65</sup>. A alma deveria ser compreendida em sentido judaico, segundo Seligson, muito mais no sentido de ser “concebida como material”<sup>66</sup>. Mas será que de fato tal materialidade pode acompanhar uma palavra tal como alma, que carrega consigo um sentido de imaterialidade quase intrínseco?

O *Hebrew and Aramaic Dictionary of the Old Testament* (Dicionário de Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento) editado por Georg Fohrer traz os seguintes significados para a palavra *nefesh* (נֶפֶשׁ): “garganta; fôlego; respiração; ser; vida; alma (não no sentido grego), pessoa, *self*<sup>67</sup>; seres humanos, pessoas; desejo,

<sup>63</sup> OTTO, Walter Friedrich. **Teofania**: o espírito da religião dos gregos antigos. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p. 33.

<sup>64</sup> Temos como um exemplo à tese de John Burnet sobre as origens da filosofia grega, que é colocada enquanto uma “descoberta do espírito”, numa perspectiva de “superioridade quase providencial” como bem o critica Jean-Pierre Vernant (VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 442). Apesar da obra *A cultura grega e as origens do pensamento europeu* (um título mais próximo do original seria *A descoberta do espírito*) de Bruno Snell possuir sua qualidade e importância em nível mundial, também possui a característica de identificar descobertas ao invés de formulações.

<sup>65</sup> SELIGSON, 1951, p. 23. P. A. Nordell também faz o mesmo aviso: “é improvável que a palavra *nephesh* seja empregada aqui com o sentido técnico moderno de alma” (NORDELL, 1888, p. 50).

<sup>66</sup> SELIGSON, 1951, p. 23.

<sup>67</sup> Optamos por não traduzir a palavra inglesa *self* por não haver correspondente em português que transmita seu sentido de maneira completa.

sentimento, humor, vontade; pessoa morta”<sup>68</sup>. É interessante de se notar que apesar do uso da tradução de *nefesh* enquanto alma, foi necessária uma explicação entre parênteses, a fim de se diferenciar esta ideia da compreensão grega de alma. Hans Walter Wolff afirma que “hoje podemos concluir que em muito poucas passagens a tradução dessa palavra por ‘alma’ corresponde ao significado de נפש”<sup>69</sup>. Para compreendermos a possibilidade da tradução de *nefesh* por alma, é necessário, para além dos significados desta palavra, compreender-se o seu conceito<sup>70</sup>.

### 3 O CONCEITO DE *NEFESH* NO ANTIGO TESTAMENTO

Quando observamos os vários significados de *nefesh* no Antigo Testamento, chegamos à pergunta que Staubli e Schroer nos lembram: “o que a garganta tem a ver com a alma?”<sup>71</sup>. Na pluralidade de significados e possibilidades de tradução, podemos buscar um conjunto de “traços fixos, mediante os quais as coisas podem ser reconhecidas como semelhantes ou dessemelhantes, coincidentes ou não-coincidentes”<sup>72</sup>. Este conjunto de elementos cruzados é justamente o conceito – o objetivo deste segundo capítulo. Quais são, então, os elementos importantes e coincidentes, que traçam a essência de *nefesh* desde suas traduções mais antigas enquanto respiração e garganta, até esta ideia de alma que a palavra hebraica vem a expressar?

#### 3.1 A relação com o corpo

O primeiro elemento que podemos delinear na construção do conceito

---

<sup>68</sup> FOHRER, p. 180.

<sup>69</sup> WOLFF, 2008, p. 34.

<sup>70</sup> Cabe lembrar aqui que, conforme já mencionado, “o conceito (*notio, conceptus*) é a ideia que representa a totalidade das características essenciais, ou seja, a essência dos objetos em questão” (CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaidermann. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, p. 42). Desta forma, compreendemos que o conceito é um valor de unidade entre os significados, que se vale das partes (significados), mas não se resume ao conjunto mecânico destas (soma).

<sup>71</sup> STAUBLI; SCHROER, 2001, p. 56.

<sup>72</sup> CASSIRER, 1992, p. 42.

de *nefesh* é a relação com o corpo. Um texto bastante importante para expressar esta relação é Miquéias 7.1b: “a minha alma [*nefesh*] deseja um figo temporão” (SBB). Segundo E. W. Marter, nenhuma outra passagem pré-exílica “providencia uma evidência mais impressionante que *nepeš* no pensamento hebraico representa o homem completo”<sup>73</sup>. Somente uma palavra com tão amplo sentido, “capaz de ativamente exercitar a volição e revelar intelecto e vontade”<sup>74</sup>, pode relacionar-se em tal medida com o corpo e expressar tão profundamente o homem em sua integralidade a partir desta relação. Independente de uma possível relação com alma, nota-se claramente nos textos bíblicos que *nefesh* é “uma coisa física”<sup>75</sup>.

Em um trabalho recente (2015), Richard S. Steiner demonstrou como a percepção de *nefesh* enquanto uma “alma desencorpada” predominou até o início do século passado. Mesmo assim, porém, há casos de textos consideravelmente antigos que apontam para a relação de *nefesh* com o corpo, a exemplo do *Hebrew and English Lexicon* de John Parkhurst (1762), do *Leviathan* de Thomas Hobbes (1651), e mesmo de Isaías de Trani, um exegeta judeu do século XIII<sup>76</sup>. John C. Rankin, seguindo esta perspectiva de relação entre *nefesh* e a realidade corporal, afirma que “de acordo, *nepeš* em seu sentido primário é melhor traduzida como ‘pessoa’ em realidade corporal”<sup>77</sup>. *Nefesh*, portanto, em sua relação com o corpo não expressa algo que o homem possui, mas o próprio ser corpóreo do homem, cujas necessidades de alimento, água e ar são efetivamente expressas pela garganta, o significa mais corpóreo de *nefesh*. Mesmo os demais significados, porém, de respiração, desejo, vida e mesmo alma são tendencialmente relacionados tanto à realidade material como particularmente ao corpo humano<sup>78</sup>.

<sup>73</sup> MARTER, E. W. The Hebrew concept of “soul” in the pre-exilic writings. In: **Andrews University Seminary Studies**, v. 2, 1964, p. 97-108 [103].

<sup>74</sup> MARTER, 1964, p. 102.

<sup>75</sup> MARTER, 1964, p. 103.

<sup>76</sup> STEINER, Richard C. **Disembodied Souls: the nefesh in Israel and kindred spirits in the Ancient Near East, with an appendix on the Katumuwa inscription**. Atlanta: SBL Press, 2015. (Society of Biblical Literature ancient Near East monographs: 11), p. 1-4.

<sup>77</sup> RANKIN, John C. The corporeal reality of *nepeš* and the status of the unborn. In: **Journal of the Evangelical Theological Society**, Vol. 31, No. 2, 1988. p. 153-160 [157].

<sup>78</sup> A tese de Richard C. Steiner de que *nefesh* pode às vezes se referir a uma ideia de alma que pode estar em algo para além do corpo humano (STEINER, 2015), não contraria necessariamente a nossa perspectiva. Trata-se de uma tese que busca analisar casos que são exceção e não a tendência aqui percebida e necessária para a definição de um conceito.

### 3.2 A relação com a vida

O segundo elemento que podemos delinear na construção do conceito de *nefesh* é a relação com a vida. Segundo Jean-Jacques von Allmen, *nefesh* “designa um conjunto psicofísico correspondente ao que entendemos por ser vivente e suas diferentes formas de expressão”<sup>79</sup>. Neste sentido, a tradução por alma é possível, desde que por alma compreenda-se não “algo próprio em seu corpo, mas o viver do corpo”<sup>80</sup>. A relação entre *nefesh* e a vida é tão estreita que “onde não há *nefesh* não há vida”<sup>81</sup>.

A vida expressa em *nefesh* é a vida terrena, a vida aqui e agora, a vida neste mundo, enquanto criatura do criador, de tal forma que o homem passa a ser compreendido como “uma *nefesh* viva, sempre faminta de vida: este é o ser humano enquanto ele ou ela vive, mas apenas neste tempo”<sup>82</sup>. Mesmo o significado de desejo vem a relacionar-se com vida, uma vez que “*nefesh* representa o centro da vitalidade, a força vital, e o desejo pela vida”<sup>83</sup>. O desejo de ar, de comida e de água são no fundo os resultados de um desejo mais profundo de viver, mesmo que inconsciente. Fome e sede são expressões do ser humano necessitado de vitalidade, necessitado daquilo que lhe é necessário para viver.

### 3.3 A relação com a morte

O terceiro elemento que podemos delinear na construção do conceito de *nefesh* é a relação com a morte. A relação desta palavra com a morte não se dá somente através de *nefesh mēt*, mas a partir de todos os significados do próprio termo *nefesh*. A respiração aponta para a morte por conta de o último suspiro ser o momento da morte. A garganta é o canal deste último suspiro, assim como o canal do derramamento de sangue, da vida, causando a morte. Por fim a própria vida aponta para a morte, uma vez que somente quem está vivo pode buscar evitar a morte. *Nefesh* apresenta-se como uma imagem das pessoas em contato com a

---

<sup>79</sup> ALLMEN, Jean-Jacques von. **Vocabulário bíblico**. São Paulo: ASTE, 2001, p. 231.

<sup>80</sup> PRAZERES, 2013, p. 68.

<sup>81</sup> STAUBLI; SCHROER, 2001, p. 59.

<sup>82</sup> STAUBLI; SCHROER, 2001, p. 67.

<sup>83</sup> STAUBLI; SCHROER, 2001, p. 62.

morte: salvar a *nefesh* da morte é o que se pede, assim como a própria morte parece encurralar as *nefeshót*.

Além das relações que *nefesh* encontra em seus diversos usos, cabe na definição de um conceito a percepção mais geral de uma tendência presente no vocabulário judaico para expressar o homem, que é a efemeridade: “o homem vivente, qualquer que seja a parte que o designa, é sempre percebido como profundamente efêmero”<sup>84</sup>. Também a compreensão antropológica da percepção judaica sobre a vida e a morte e a humanidade percebida nestas relações, permite que venhamos a colocar toda e qualquer expressão do homem sob a ótica de sua posição intermediária, acima dos animais e abaixo de Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontamos aqui, seguindo o caminho trilhado neste texto, para um conceito anteriormente desenvolvido por Hans Walter Wolff, de *nefesh* enquanto “o ser humano necessitado”. As necessidades do homem são necessariamente relacionadas à sua efemeridade e ao seu corpo, assim como são vinculadas à situação limite entre vida e morte. É quando o ser humano está em situação de limite, em seu estado de necessidade, quando os limites entre vida e morte se perdem, que este pode expressar-se através do termo *nefesh*. O corpo do homem é o canal pelo qual percebe suas necessidades para livrar-lhe da morte e preservar sua vida, assim como é o mecanismo de expressão destas. O conceito de *nefesh* enquanto o ser humano necessitado, portanto, relaciona-se tanto com corpo como com vida e morte, englobando os múltiplos sentidos e esferas de relação do termo *nefesh* no Antigo Testamento. Mesmo assim, porém, o termo *nefesh* pode ainda ser traduzido enquanto alma, desde que se faça as devidas advertências sobre o sentido desta palavra para o contexto judaico.

A partir do estudo da antropologia judaica, podemos concluir que a ideia de alma não é estranha ao pensamento judaico, desde que seja reconfigurada<sup>85</sup> de

---

<sup>84</sup> MARCHADOUR, 1985, p. 16.

<sup>85</sup> Já no século XIX Nietzsche demandava reconfigurações da ideia de alma, afirmando ter “aberto o caminho para novas configurações e subtilizações da hipótese da alma; conceitos semelhantes ao de ‘alma mortal’ ou ‘alma como pluralidade de sujeitos’ ou ‘alma como sistema social de instintos e afetos’, [que] pretendem já direito de cidadania na ciência” (NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia

modo que se compreenda que “corpo e alma não são pois duas entidades do homem, mas duas dimensões e perspectivas do mesmo e único homem”<sup>86</sup>. Assim sendo, a alma que *nefesh* representa para o pensamento semítico é necessariamente uma realidade que se relaciona com o corpo, com a vida e com a morte do ser humano. É justamente por tais relações que a compreensão de *nefesh* se distancia e muito do conceito de *psykhé* para os gregos. O corpo com que *nefesh* se relaciona é um elemento essencial na constituição do homem na perspectiva semítica, bastante distante da visão grega, assim como a situação de morte ainda em vida contrasta com a ideia grega de vida após a morte. Além de relacionar-se, porém, o conceito de *nefesh* ainda possibilita novas percepções sobre as ideias de homem, vida e morte no Antigo Testamento.

## REFERÊNCIAS

- ALLMEN, Jean-Jacques von. **Vocabulário bíblico**. São Paulo: ASTE, 2001.
- BARTON, George A. Soul (Semitic and Egyptian). In: HASTINGS, James. (Org.). **Encyclopedia of Religion and Ethics**. Vol. XI (Sacrifice-Sudra). With the assistance of John A. Selbie and Louis H. Gray. New York: Charles Scribner’s Sons; Edinburg: T. & T. Clark, 1914. p. 749-753.
- BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**: ensaio sobre a vocação humana. 2. ed. corrigida e aumentada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- BRIGGS, Charles A. The Use of נַפְשׁ in the Old Testament. In: **Journal of Biblical Literature**, Vol. 16, No ½, 1897, p. 17-30.
- BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. (eds.). **A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**: with an appendix containing the biblical aramaic. Based on the Lexicon of William Gesenius as translated by Edward Robinson. Boston/New York: Houghton Mifflin Company, 1907.
- BURTON, Ernest D. Spirit, Soul and Flesh: II. רוּחַ and נַפְשׁ, and נַפְשׁ in the Old Testament. In: **American Journal of Theology**, Vol. 18, No 1, Jan. 1914, p. 59-80.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaidermann. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- EYZAGUIRRE, Amelia Caron. **Nephesh**: an Ethnography on Israelite Purity Laws. 2008. 55 f. Senior Thesis Project – University of Tennessee, Knoxville, 2008.
- FOHRER, Georg. (ed.). et al. **Hebrew and Aramaic dictionary to the Old Testament**. New York: Walther de Gruyter, 1973.

---

do futuro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 24).

<sup>86</sup> BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**: ensaio sobre a vocação humana. 2. ed. corrigida e aumentada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973, p. 57.

- GENESIUS, H. Friedrich Wilhelm. **Genesius' Hebraic and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures**. Translated by Samuel Prideaux Tregelles. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1978.
- GORDON, Cyrus H. **Ugaritic Textbook**: grammar, texts in transliteration, cuneiform selections, glossary, indices. Revised reprint. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1998. (Analecta Orientalia, 38).
- GUNDRY, Robert Horton. **Soma in biblical theology, with emphasis on Pauline anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. (Monograph Series – Society for New Testament Studies; 29).
- LYS, Daniel. **Nèphesh**. Histoire de l'âme dans la révélation d'Israël au sein des religions proche-orientales. Paris: Presses Universitaires de France, 1959. (Études d'histoire et de philosophie religieuses, 50).
- LYS, Daniel. The Israelite Soul According to the LXX. In: **Vetus Testamentum**, Vol. 16, Fasc. 2, Apr. 1966, p. 181-228.
- MARCHADOUR, Alain. **Morte e vida na Bíblia**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- MARÍAS, Julián. **A perspectiva cristã**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MARTER, E. W. The Hebrew concept of "soul" in the pre-exilic writings. In: **Andrews University Seminary Studies**, v. 2, 1964. p. 97-108.
- MARTIN-ACHARD, Robert. **Da morte à ressurreição**: segundo o Antigo Testamento. Santo André: Academia Cristã, 2015.
- MURTONEN, A. **The Living Soul**: a study of the meaning of the word *nefesh* in the Old Testament Hebrew Language. Helsinki: Societas Orientalis Fennica, 1958. (Studia Orientalia XXIII:1).
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- NORDELL, P. A. Old Testament Word-Studies: 2. Constituent Parts of Man. In: **Old Testament Student**, Vol. 8, No. 2, Oct., 1888. p. 49-54.
- OTTO, Walter Friedrich. **Teofania**: o espírito da religião dos gregos antigos. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- PAYNE SMITH, J. (ed.). **A compendium Syriac dictionary**: founded upon the Thesaurus Syriacus of R. Payne Smith. Oxford: Clarendon Press, 1903.
- PRAZERES, Alexandre de Jesus dos. **Néfesh e basar**: a relação corpo-alma na Bíblia Hebraica e suas implicações para cultura somática hodierna. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.
- RANKIN, John C. The corporeal reality of *nepeš* and the status of the unborn. In: **Journal of the Evangelical Theological Society**, Vol. 31, No. 2, 1988, p. 153-160.
- SEEBASS, H. נֶפֶשׁ *nepeš*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Vol. IX. Translated by David E. Green e Douglas W. Stott. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1998, p. 497-519.
- SELIGSON, Miriam. **The meaning of נֶפֶשׁ in the Old Testament**. Helsinki: Societas Orientalis Fennica, 1951. (Studia Orientalia, Vol. XVI).
- STAUBLI, Thomas; SCHROER, Silvia. **Body symbolism in the Bible**. Collegeville: The

Liturgical Press, 2001.

STEINER, Richard C. **Disembodied Souls**: the nefesh in Israel and kindred spirits in the Ancient Near East, with an appendix on the Katumuwa inscription. Atlanta: SBL Press, 2015. (Society of Biblical Literature ancient Near East monographs: 11).

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.